



Um ponto no dramático placar de mortes: o tupamaro Jorge Gropp

Guerra declarada no Uruguai

Foi um dia aterrorizante. Havia notícias de tiros e mortes por todos os lados. Aqui na redação fizemos um placar. Às 11 horas os tupamaros ganhavam de quatro a zero. Ao meio-dia, a polícia empatou e pouco depois passou à frente, com oito a quatro." Assim o chefe de reportagem de um jornal uruguaio descreveu para Paulo Totti, enviado especial de VEJA, os acontecimentos da última sexta-feira em Montevideu. "Tantas mortes num só dia, nem na guerrilha urbana irlandesa", acrescentou.

No dia seguinte, ao meio-dia, as vítimas dos tupamaros eram sepultadas no cemitério central, depois de terem sido levadas, em meio a uma multidão calculada em 50 000 pessoas, nos ombros de seus colegas e amigos, por toda a avenida Dezoito de Julho, até a estátua de Artigas, defronte ao palácio Esteves, sede do governo. Ali, acompanhado pela esposa e pela filha mais velha, o presidente Juan Maria Bordaberry, escoltado por uma impressionante força policial, rendeu as últimas homenagens aos mortos, em seus caixões cobertos pela azul-celeste bandeira oriental.

Enquanto isso, a multidão, liderada pelos próprios policiais que carregavam o caixão de seus colegas ou integravam sua escolta de honra, cantava o Hino Nacional e dava gritos de "Uruguai" e "Uruguai de pié", slogan da organização de direita Juventud Universitaria de Pié, JUP, da qual se afirmou fazer parte o professor Armando Acosta y Lara, de 52 anos, ex-subsecretário do Ministério do Interior no governo de Pacheco Areco e o último a morrer na manhã de sexta-feira.

Três horas mais tarde, a polícia re-

velou que também os oito tupamaros já haviam sido enterrados pelas famílias, em cerimônias mantidas em segredo.

Emboscada na igreja — Para matar Acosta, os tupamaros chegaram cedo à Igreja Evangélica Metodista, na rua Constituyente, em pleno centro de Montevideu, situada bem em frente à casa do professor. Às 8h30, uma jovem morena tocou a campainha da igreja e disse à mulher que fazia a limpeza que trazia uma carta para o pastor. Aberta a porta, atrás da jovem entrou também na igreja um homem de aproximadamente 25 anos, que, tirando uma metralhadora de sua sacola, armou-a. Ao mesmo tempo, três homens ocuparam uma livraria vizinha e levaram os seus três empregados para a igreja, ali onde, junto com a faxineira e seu marido, os reféns permaneceram calados, sob a mira do revólver da jovem morena.

Enquanto isso, o primeiro homem se encontrava a postos numa janela, com a metralhadora voltada para a casa de Acosta y Lara. Duas horas depois, o ex-subsecretário do Interior saiu de casa, acompanhado, como sempre, pela esposa e dois guarda-costas da polícia política. Às 10h20, o tiroteio começou da janela da igreja e da porta da livraria. Acosta y Lara não teve tempo sequer de empunhar um dos dois revólveres que trazia. Um dos guarda-costas caiu imediatamente, ferido diversas vezes, e o outro, sem saber de onde vinham os tiros, correu de volta para dentro da casa. A esposa do professor foi ferida no joelho direito.

Acosta y Lara, com o corpo quase cortado ao meio — todas as balas acerta-

ram o tórax —, ainda respirava quando a ambulância chegou e o levou para o hospital militar. Das poucas testemunhas, a polícia recolheu escassas informações a não ser que um ou dois dos assassinos haviam fugido numa camioneta Toyota.

A 100 por hora — O placar da morte, porém, começou a ser movimentado pouco antes das 7 horas, nas esquinas das avenidas Luis B. Ponce e Rivera, a três quarteirões da sede da embaixada brasileira, quando três automóveis armaram uma emboscada ao Maverick da polícia em que viajava o subcomissário Oscar Delega, subchefe da polícia política. Enquanto um carro não identificado cortava sua frente, abria-se o toldo de uma camioneta que vinha logo atrás e dela surgia um homem empunhando uma metralhadora e já atirando.

A camioneta passou a 100 por hora, segundo uma testemunha, e sumiu pela avenida Rivera, enquanto outro carro também não identificado, que vinha logo atrás, dava outra rajada contra o Maverick. Delega e seu motorista tiveram morte instantânea.

A 30 quilômetros de Montevideu, na localidade de Las Piedras, iria ocorrer o terceiro crime do dia. Às 9h05, o recentemente promovido capitão-de-corveta Ernesto Motto Benvenuto, de 35 anos, saía de casa para tomar um ônibus que o levaria a Montevideu. Na capital cumpriria seu último dia de serviço nas chamadas Forças Conjuntas, uma espécie de estado-maior de repressão à subversão. No sábado, Motto já deveria apresentar-se à Marinha, pois havia sido destacado para a tripulação do contratorpedeiro "Uruguai".

Seus matadores se encontravam numa pick-up verde, sem toldo. Trepados na carroçaria, desferiram rajadas de metralhadora e pistolas. As testemunhas somente souberam informar as características do veículo e afirmar que tudo havia sido tão rápido, que ninguém se deu conta do que estava acontecendo.

Segundo tempo — Ao meio-dia, a eficácia dos vidros blindados de outro Maverick policial causou as primeiras baixas entre os tupamaros. No bairro Cerrito de la Vitoria, o subcomissário Juan Carlos Reys, avisado de que uma Toyota participara do atentado contra Acosta y Lara, aproximou-se de uma, estacionada entre as ruas General Flores e Industria. Os ocupantes da camioneta perceberam o policial e um deles começou a atirar contra seu carro. Três balas (a polícia colocou o Maverick em exposição defronte à chefatura) alojaram-se no pára-brisa.

Reys, que viajava com outros três policiais, começou a perseguir a camioneta, alcançando-a três quadras adiante. Estabeleceu-se o tiroteio. Jorge Nicolas Gropp Carbajal, que dirigia a Toyota, foi o primeiro a morrer, tendo antes atingido gravemente o subcomissário. Norma Carmen Pagliano Varo, mesmo ferida, conseguiu correr dois quarteirões, atirando nos policiais, mas não teve forças para continuar e caiu, já sem munição. Presa, morreu antes de chegar ao Hospital Militar. A polícia anunciou que um terceiro tupamaro foi preso na ocasião, sem ferimentos.

Uma hora mais tarde, investigações policiais conduziram à descoberta de um "aparelho" subversivo onde viviam o escrivão judicial Luis Martirena e sua esposa, abrigando terroristas, entre os quais Eleuterio Huil Dobro, que fugiu do presídio de Punta Carretas em setembro do ano passado, com 105 tupamaros.

Para atacar a casa foram utilizados mais de trinta policiais à paisana e um pelotão de infantaria. Quando cessou a resistência, a mulher de Martirena foi encontrada morta nos fundos da casa, segurando uma pistola. No segundo andar do prédio foi achado o cadáver de seu marido, ao lado de uma metralhadora Star ainda fumegante, mas já sem munição. Huil Dobro foi preso. Na casa foram encontrados, além de documentos subversivos e armas, 29 420 dólares. A polícia acredita que, como o escrivão e sua mulher, de vida totalmente legal e sobre os quais não existia nenhuma suspeita, devem existir outras pessoas em Montevideo abrigando fugitivos de Punta Carretas. Entre esses estariam os quinze que conseguiram escapar do presídio uruguaio na última quarta-feira, em companhia de seis criminosos comuns, através de um túnel que levava do gabinete dentário da prisão até a rede de esgotos.

O cérebro — Na sexta-feira, a jornada de violência iniciada pela manhã terminaria poucos minutos depois do tiroteio ocorrido na casa do escrivão Martirena. No bairro de Buceo, frente ao rio da Prata, a polícia cercou uma casa na rua Perez Gomes e, depois de um tiroteio que durou mais de uma hora, estava morto Alberto Jorge Candan Grajales, um ex-fotógrafo particular tido como um dos cérebros da organização e, segundo a lenda, falsificador do passaporte uruguaio com que Ernesto Che Guevara entrou na Bolívia, em 1967. Além de Grajales também morreram Gabriel Maria Schroeder Orosco, Horácio Carlos Rovira e Hugo Blanco



Acosta y Lara: morte instantânea

Katras, evadido de Punta Carretas, como Grajales, no ano passado.

Dois outros terroristas estavam feridos e dois se entregaram sem ferimentos. As informações oficiais indicam que, além dos doze mortos, haveria oito feridos, entre policiais e tupamaros, mas a versão corrente em Montevideo é a de que esse número de feridos deve ao menos ser duplicado. A morte de Grajales, festejada entre os policiais, contagiou as autoridades, que desde o meio-dia chegavam ao palácio do governo convocadas por Bordaberry. Algumas dessas autoridades chegaram a acreditar que se tratasse de Raúl Sendic, tido como virtual dirigente máximo da organização subversiva, que já foi preso duas vezes e fugido e dado como morto pelo menos oito.

"Em guerra" — O general Olegario

Magnani, ministro da Defesa, chegou a afirmar aos jornalistas: "Sendic está morto". O mesmo general, antes da reunião ministerial presidida por Bordaberry, na casa do governo, por volta das 12h30, afirmara: "Estamos em guerra". E foi essa mesma a expressão que o presidente da República usou ao anunciar aos seus ministros que iria pedir à noite, ao Congresso Nacional, a declaração do estado de guerra.

Enquanto a mensagem dava entrada na Assembléia Nacional, Bordaberry ocupava uma cadeira de televisão para afirmar, nervoso e tropeçando em algumas palavras: "Não declaramos a guerra; fizeram-no os grupos subversivos".

O Executivo decide — É a primeira vez que se pretende a declaração de guerra interna no Uruguai. O Congresso não sabia, na noite de sexta-feira, como encarar a questão, ainda mais porque a mensagem presidencial era pouco explícita, não prevendo um prazo de vigência nem expondo quais os direitos assegurados pela Constituição que ficariam suspensos. Tentando explicar a situação, o ministro das Relações Exteriores, Alejandro Rovira, ao responder sobre o alcance da medida, afirmou na reunião do Parlamento: "Isso fica a critério do Poder Executivo, pois o decreto da guerra interna põe em movimento as disposições contidas no código militar de 1884, ainda vigente, bem como as normas pertinentes ao caso do código penal militar de 1943".

O Congresso esteve reunido até as 4 horas da manhã e voltou a reunir-se na tarde de sábado, quando aprovou por 97 votos a 21 uma fórmula sugerida pelo Partido Blanco, fixando em trinta dias a vigência da medida, limitada aos departamentos de Montevideo e Canelones. Foram uma noite e uma tarde de intensos debates, pois os parlamentares da Frente Ampla e de setores mais "liberais" do Partido Blanco encaravam com reservas a decretação do estado de guerra.

Tinham seus motivos. Na sexta-feira à noite ocorreu um fato que a Frente Ampla apontou como exemplo de como serão as coisas na vigência da medida. Sob pretexto de procurar armas, cerca de duzentos policiais armados de metralhadoras invadiram a sede do Partido Comunista, legal e bem comportado, onde se reuniam mais de quinhentos jovens, mantidos durante três horas com as mãos na nuca, voltados para a parede, enquanto eram revistados e os arquivos remexidos.

Talvez essa convicção de que as coisas não mudarão muito após a formalização de uma situação de fato tenha contribuído para que a oposição concordasse em apoiar a declaração de guerra proposta pelo presidente Bordaberry.